

**PINTURA
CORPORAL,
TRONCOS E
ENFEITES DOS
LUTADORES DE
HUKA-HUKA DO
ALTO XINGU – UM
OLHAR SOBRE O
KUARUP**

Vivian Suarez Martins¹

¹Doutora em Design na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

{RESUMO}

Este artigo transita pelos campos das artes visuais, do design e do comportamento indígena, bem como suas interrelações, e as metodologias escolhidas foram a de pesquisa artística, com uso de imagens, obras musicais e textos como elementos fundamentais aos resultados e conclusões da investigação, a pesquisa bibliográfica e o estudo in loco: participação em um ritual do Kuarup na aldeia Yawalapiti, em 2012, pela pesquisadora. O artigo propõe a reflexão sobre o a utilização de grafismos nas pinturas corporais dos indígenas lutadores de Huka-Huka, luta/jogo praticada pelas tribos do Alto Xingu, como possível ferramenta de autoconhecimento e fortalecimento das tradições, bem como traz exemplos de imagens de pinturas corporais coletadas.

Palavras-chave: design gráfico, pintura corporal, huka-huka, kuarup.

{ABSTRACT}

This article covers the fields of art, design and indigenous culture and behavior as well as their interrelationships, and the methods chosen for its preparation were art based research, bibliographic research and on site study: involvement of a ritual in the village Kuarup Yawalapiti in 2012 by the researcher. The article proposes a reflection on the use of graphics in the body paintings of the indigenous tribe analyzed as a possible tool for self-recognition and strengthening of traditions, and provides examples of collected images of body paintings and crafts whose use of graphics and patterns repetition occur.

Keywords: graphic design, body painting, huka-huka, kuarup.

Dos troncos que viram gente Dos troncos que viram gente
Ao som do jacuí percorrendo os terreiros dos casarões
O pajé anuncia a chegada da grande profecia
Dos troncos que viram gente Dos troncos que viram gente
No centro da aldeia sagrada o pajé começa a celebração “Cocás”, cintos, pinturas e as penas
Enfeitam um grande tronco celebrando o ritual

Trecho de Kuarup (O Tronco Sagrado), Boi Caprichoso, 2001

{INTRODUÇÃO}

As manifestações artísticas dos índios das tribos do Alto Xingu que se expressam através de objetos e grafismos, no cotidiano e em rituais e festas, têm sido o cerne de discussões e ações positivas no Brasil, apesar de ainda desvalorizadas por parte da sociedade. Pesquisadores do patrimônio indígena defendem a imprescindibilidade da documentação das manifestações artísticas, uma vez que garantiria às culturas indígenas notoriedade, muito embora o registro não assegure a sobrevivência ou a continuidade da prática cultural (GALLOIS, 2006). Faz-se necessário, contudo, registrar as manifestações a fim de fortalecer as comunidades indígenas, como a Yawalapiti, tribo do Alto Xingu. Este artigo transita pelos campos do Design Gráfico, artes visuais e costumes indígenas, e a metodologia utilizada foi a de pesquisa artística, com uso de imagens, obras musicais e textos como elementos fundamentais aos resultados e conclusões da pesquisa. Para Marín (2005), as metodologias artísticas (Arts based Research ou investigação baseada em artes) são maneiras recentes de pesquisar não apenas no âmbito da educação artística, mas em diversas áreas acadêmicas e em diversas disciplinas das ciências humanas e sociais. Marín (2005) afirma, ainda, que as metodologias de investigação de desenvolveram muito nos últimos anos, especialmente no âmbito da investigação educativa (MARÍN, 2005). A metodologia artística utiliza o conhecimento de criação em diferentes disciplinas (design, artes visuais, música, literatura, dança, teatro) para organizar o processo de pesquisa e apresentação de resultados. Sua principal distinção a outras metodologias é o superior uso de imagens visuais, obras musicais, textos literários e coreografias como elementos da pesquisa. Para sua elaboração foram usados, ainda, a pesquisa bibliográfica, entrevista informal e o estudo in loco: participação em um ritual do Kuarup na aldeia Yawalapiti, em 2012, pela pesquisadora. O artigo propõe a reflexão sobre o a utilização de grafismos nas pinturas corporais dos indígenas lutadores de Huka-Huka, luta/jogo praticada pelas tribos do Alto Xingu, como possível ferramenta de autoconhecimento e fortalecimento das tradições, bem como traz exemplos de imagens de pinturas corporais coletadas.

1. Desenvolvimento

Segundo Velthem (2010) o ramo da ciência antropológica que pesquisa as produções e manifestações artísticas dos povos indígenas é a "antropologia da estética". Diversos outros termos já foram utilizados em pesquisas correlatas para designar estas e outras produções artísticas consideradas não-ocidentais, como "arte primitiva", "arte tribal", "arte tradicional", "arte nativa" e "arte índia". Por pressuporem julgamentos de valores que caracterizam as produções como sofisticadas e simplórias, tais alcunhas tornam-se insatisfatórias, bem como são restritivas por sugerirem tradições inferiores e derivadas de minorias que vivem à margem de outras culturas "dominantes",

tese improvável se comparada à realidade. (VELTHEM, 1998). Antes de iniciar a reflexão sobre elementos de arte e design no ritual do Kuarup, faz-se necessária a apresentação de alguns dados sobre o Parque Indígena do Xingu.

Em levantamento realizado pela equipe do Rota Brasil, projeto liderado pelo pesquisador George de Cerqueira Leite Zarur, 16 etnias habitam o parque: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja e Yawalapiti, sendo a última o objeto de estudo do presente artigo. As línguas e dialetos praticados são: Kamaiurá e Kaiabi (família Tupi-Guarani, tronco Tupí); Yudja (família Juruna, tronco Tupí); Aweti (família Aweti, tronco Tupi); Mehinako, Wauja e Yawalapiti (família Aruák); Kalapalo, Ikpeng, Kuikuro, Matipu, Nahukwá e Naruvotu (família Karíb); Kĩsêdjê e Tapayuna (família Jê, tronco Macro-Jê); Trumai (língua isolada).

O Parque do Xingu tem área de 2.642.003 hectares, englobando os municípios de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubiratã e Marcelândia (todos em Mato Grosso). Dentre os principais rios que banham as terras estão o Von den Stein, Jatobá, Ronuro, Batovi, Kurisevo e Kuluene. Este último, junto ao Batovi-Ronuro, são os principais formadores do rio Xingu.

O Kuarup é realizado uma vez por ano, entre os meses de julho e setembro, ou quando há a possibilidade, devido ao alto custo exigido pela preparação do ritual. É marcado por cantos e “orações” cheias de prantos e lamentações, numa espécie de saudação dos índios a seus mortos, como derradeira demonstração de luto. É, então, o momento em que os índios choram, pela última vez, a morte de seus entes ilustres. O ritual tem origem no mito sobre a intenção do Pajé Mavutsinim de ressuscitar seis pessoas. De acordo com os índios do Alto Xingú, o Pajé preparou seis troncos de madeira que seriam animados, trazidos à vida. No último Kuarup realizado pelos Yawalapiti, em outubro de 2012, três pessoas foram homenageadas, dentre elas o antropólogo Darcy Ribeiro, falecido em 1997. Na década de 50 Darcy Ribeiro apoiou a ideia da criação do Parque Nacional do Xingu. Ministros do governo Dilma Rousseff prestigiaram a cerimônia. Em outubro, mês do Kuarup, o antropólogo completaria 90 anos. Segundo o Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu – 50 anos, a festa dos mortos, difundida com o nome kamaiurá kuarup, é chamada pelos Yawalapiti de itsatí ou amakakáti.



Figura 1 - Tronco do kuarup
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O Kuarup é uma festa de extrema importância que acontece uma vez por ano no Parque Indígena do Alto Xingu, com duração de dois dias. Durante as celebrações há comida (peixe desidratado, beiju), danças, cânticos, rezas e lamentações, quando na aldeia são erguidos os troncos de madeira pintados e enfeitados com faixas de cor amarela e vermelha e alguns objetos do ente falecido (figuras 1 e 2). Santos (1975), assinalou que os desenhos gráficos dos troncos do Kuarup tinham representação diferenciada quanto ao gênero do morto. A autora afirma, ainda, que caso o ente falecido seja do sexo masculino, o símbolo a ser pintado é o da cobra sucuri, representado a força; caso o falecido seja do sexo feminino, o grafismo utilizado é o losango do peixe pintado. No encerramento do Kuarup, acontece a luta de huka-huka. Os troncos, antes cuidadosamente ornamentados, são retirados e jogados no rio ou no lago.



Figura 2 - Tronco do kuarup sendo pintado
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Após o preparo dos troncos, dá-se início à pintura dos entes em luto pelos parentes convidados ao evento. Sob uma cobertura montada junto aos troncos, os parentes ficarão velando e chorando a noite inteira. É chegado o momento, então, de finalizar a confecção dos adereços, começar as pinturas corporais e cuidar da aparência. Os lutadores, que durante o ano praticam a luta, aguardam o momento de consagração, quando poucos poderão confirmar suas habilidades e sagrar-se campeões. Trata-se da oportunidade de ganhar prestígio junto aos integrantes das aldeias. Para as lutas, os homens se untam com óleo de copaíba, pasta de urucum e pequi (vermelho e amarelo). Eles também se submetem a dolorosos arranhões feitos nos braços, peito e costas com um pequeno objeto feito com cabaça e dentes de peixe-cachorra incrustados; em seguida, ingerem infuses de ervas que, segundo eles, aumentam suas forças.



Figura 3 - Massa de urucum para pintura corporal
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Segundo Scandiuzzi (2000) o treino do huka-huka acontece quase que diariamente, mas aumenta quando se aproxima o ritual do Kuarup. Por ser um ritual de extrema importância para os índios do Alto Xingu, embaixadores cerimoniais convidam as tribos para que os participantes do Huka-Huka possam ser avaliados em conjunto. A história conta que existem 5 campeões: o peixe-elétrico, o peixe-cará, o tatu, a traíra menor e a cobra. Ainda de acordo com Scandiuzzi (2000), a cobra é a grande vencedora, que nunca sofre derrotas. Entre os lutadores, a cobra se destaca pela decoração: usa pintura do líquido de pau, carvão, urucum (figura 3), barro branco, óleo de pequi e jenipapo; os enfeites são a braçadeira branca de algodão, o colar de caramujos, a joelheira branca ou vermelha de algodão, os brincos de penas pretas, amarelas e vermelhas, com penas de harpia, e o cocar da história. Na batalha do Huka-Huka, o cocar é caracterizado pela pintura no cabelo, feita com o forte vermelho do urucum (SCANDIUZZI, 2000). O processo de preparação dos participantes, desde a pintura corporal até a colocação dos enfeites, exerce grande fascínio sobre os que podem acompanhá-lo. Todos os passos são cumpridos com exatidão: pinturas nos cabelos, nos corpos, feitas por índios em índios, já fazem parte do ritual (figura 4).



Figura 4 - lutador de huka-huka sendo preparado para a batalha.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os símbolos são utilizados por todos os povos, não apenas indígenas, como uma representação real do imaginário. Na **cultura indígena**, os grafismos de interpretação são frequentemente utilizados através de objetos, pinturas corporais ou rituais (figura 5).



Figura 5 -lutadores de huka-huka pintados e enfeitados para o ritual do kuarup.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os indígenas, que estão presentes em diversos lugares do país, possuem diversas similaridades, mas cada etnia tem suas próprias história e cultura, que são o seu maior bem. Dentre os inúmeros meios de apresentarem a sua cultura, a pintura corporal é uma das principais. Por estarem pintados em grande parte do tempo, no cotidiano ou em eventos significativos, as pinturas corporais representam traços culturais reconhecidos. As tintas para as pinturas tradicionais são feitas de diversas formas; o pigmento mais conhecido é retirado do jenipapo, fruta popular entre os povos indígenas. O fruto é colhido ainda verde, quando há a extração de uma espécie de seiva que, em contato com a pele, se transforma em uma tinta preta, de longa fixação (permanece na pele por até duas semanas). É importante dizer que a tinta do jenipapo não sai em menos de 7 dias na pele. Além do jenipapo e do urucum, outras etnias usam barro e outras formas de tinta para as pinturas corporais, que podem ser preparadas seguindo processos específicos por grupo.

Segundo Orlando Villas Boas em crônica publicada na revista *Globo Rural* (2003) se a balança representa a justiça, a água, a purificação, e o sol, a vida, para o índio do Alto Xingu, recorte do presente artigo, a cobra-grande representa a força. Segundo crença indígena, a figura mitológica da cobra é temida pela habilidade e maldade capaz de virar embarcações. Outro animal, a harpia, uma das maiores aves de rapina brasileira, é reverenciada por sua imponência e domínio do céu. Apesar das diferenças entre as etnias, as tribos do Alto Xingu usam imagens semelhantes como forma de exprimir suas emoções e seus comportamentos dentro da sociedade. Abaixo, alguns dos elementos que se destacam na pintura corporal do Huka-Huka, durante o ritual do Kuarup:

- **Peixe** - O mais presente na cultura indígena por estar ligado à nutrição. Pode ser visto como pintura feita à base de carvão e jenipapo na altura dos olhos de homens e mulheres, nos objetos de decoração ou durante os rituais (como no Kuarup e na luta Huka-Huka);
- **Onça** - A força e a quase invencibilidade do felino expressam coragem e audácia. Por isso, suas pintas pretas se destacam na ornamentação corporal durante o Kuarup e no Huka-Huka;
- **Tapacá** - A pintura, numa interpretação da criação, é formada por losangos com riscos de carvão e jenipapo;
- **Sucuri** - Os lutadores que mais se sobressaírem na luta do Huka-Huka têm o direito de colorir as costas com um vermelho intenso e fazer pintas de jenipapo, pretas, como as da cobra-grande.

{CONCLUSÕES FINAIS}

**Pintado com tinta de guerra, o índio despertou Raoni cercou os limites da aldeia
Bordunas e arcos e flexas e facões
De repente eram mais que canhões
Na mão de quem guerreia.**

Trecho de Xingu, João Nogueira, 2000

O presente artigo apresentou um estudo teórico e preliminar sobre como o indígena do Alto Xingu atua como perpetuador de tradições por meio da utilização de grafismos na pintura corporal para a luta do Huka-Huka, com olhar sobre o ritual do Kuarup.

A reflexão sobre a utilização de grafismos nas pinturas corporais dos indígenas lutadores de Huka-Huka, luta/jogo praticada pelas tribos do Alto Xingu, provou-se ferramenta de autoconhecimento e fortalecimento das tradições, mantidas e passadas de geração a geração, e apresentada em imagens de pinturas corporais.

Em conversa informal realizada Watatakalu Yawalapiti (2013), representante indígena e ativista pela preservação das tradições Yawalapiti, tribo do Alto Xingu, grafismos têm sido inventados pelos novos lutadores e comunidades, mas os elementos apresentados como tradicionais ainda mantêm o seu significado, interpretado por gerações. A força da sucuri, como citada a priori, é relacionada aos vencedores (figura 6). Takan, como é conhecida, sobre os grafismos estudados, afirma que “a pintura da Sucuri é a que representa força, é um desenho lindo; a pintura da onça significa rapidez e a dos peixes é importante porque eles deram origem a essa luta” (Watatakalu Yawalapiti, 2013).



Figura 4: Lutadores de huka-huka pintados e enfeitados para o ritual do kuarup.
Fonte: Revista Globo Rural Online

{REFERÊNCIAS}

CALLADO, Antonio. **Quarup**. 10.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.

GALLOIS, D. (org.). **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e Norte do Pará**. São Paulo: Iepe, 2006.

MARÍN, R. **Investigación en educación artística: temas, métodos y técnicas de indagación sobre el aprendizaje y la enseñanza de las artes y culturas visuales**. Granada: Universidad de Granada, 2005.

RIBEIRO, Berta G. **Homo Faber, Homo Ludens -O Índio Brasileiro**. Coleção Darcy Ribeiro, 1950.

SCANDIUZZI, P.P. **Educação indígena X educação escolar indígena? Uma relação etnocida em uma pesquisa etnomatemática**. Marília, Tese (Doutorado em Educação Ensino Brasileiro) -UNESP -campus de Marília, 2000.

VELTHEM, L. H. V. **A Pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayna**. Belém: MPEG, 1998.

VIDAL, Lux, (organizadora). **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. 2a ed., São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2000.

VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS., Orlando. **Xingu : os índios, seus mitos**. Rio de Janeiro : Zahar, 1970.

YAWALAPITI, Watatakalu. **Entrevista** concedida pela Representante da Aldeia Yawalapiti.

Dia do Índio. Disponível em http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,EMI302978-18095,00_GLOBO+RURAL+CELEBRA+O+DIA+DO+INDIO.html. Acesso em 18 de novembro de 2013.

Horizonte geográfico. Disponível em: <http://horizontegeografico.com.br/exibirMateria/34/festa-dos-mortos-no-xingu>. Acesso em 5 de março de 2015.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **Kuarup**. Rota Brasil Oeste. Disponível em <http://www.brasil-este.com.br/especiais/parque-indigena-do-xingu/page/3/>

ORAN, Edmundo. **Kuarup (O Tronco Sagrado)**. In.: Amazonas: Terra de Folclore. Fonte de Vida. 2004. 1 CD. Faixa 1 (4 min 22).

NOGUEIRA, João. **Xingu**. In.: Pelas Terras do Pau-Brasil. RCA, 2000. 1 CD. Faixa 1 (4 min 35).